

Do Brasil para a missão que atravessa fronteiras

Irmã Jandira Garcia da Costa¹



Sou Irmã Jandira, pertencço à Congregação das Irmãs da Providência. Sou missionária na fronteira entre Tailândia, Mianmar e Laos. Nasci em Taquarituba, pequena cidade do interior de São Paulo, como a quarta filha entre seis irmãos, três deles já falecidos. Minha infância foi marcada por um ambiente profundamente enraizado na fé católica. Meu avô era capelão da igreja do bairro, minhas tias eram catequistas dedicadas, e na casa dos meus avós maternos o rosário rezado diariamente era uma prática sagrada.

Todos os filhos, mesmo depois de casados, reuniam-se às seis da tarde para a oração do terço. As novenas, procissões e as festas de São João, com fogueiras e pés de moleque preparados pelo meu avô, eram momentos de grande alegria e comunhão familiar. Foi ele quem me transmitiu a devoção a Nossa Senhora como um tesouro precioso. Costumava dizer: “Se não tiver tempo de rezar o rosário, reze Aves-Marias esparramadas”, ensinando-me que Maria pode ser invocada em todos os momentos da vida.

A primeira vez que vi religiosas eu tinha apenas oito anos, quando vieram buscar minha tia para o convento. Aos treze anos, conheci as Irmãs da Divina Vontade na escola e fiquei encantada com a vida da Madre Caetana e com sua dedicação aos órfãos. Eu dizia que queria ser de Jesus, mas, como acontece com muitos jovens, as coisas do mundo começaram a me atrair.

¹ Brasileira, missionária nas fronteiras entre Tailândia, Mianmar e Laos. Irmã da Providência.

Meus avós, porém, continuaram a me conduzir à missa, às visitas aos doentes e até às prisões. Meu avô, membro da Sociedade de São Vicente de Paulo, levava-me às ações de caridade e sempre me incentivava, dizendo que via em mim o chamado de Jesus para a vida religiosa.

Em 1978, aceitei fazer uma experiência com as Irmãs da Providência, em Sorocaba, onde minha tia já era religiosa. Foi ali que tudo começou. Hoje sou mais de três décadas de vida consagrada, atuando em diversos setores pastorais e educacionais, área que sempre foi minha grande paixão. A vida religiosa ensinou-me que ser enviada é uma imensa riqueza. Aprendi, tanto pela dor quanto pelo amor, que a vocação é um dom que se renova a cada dia.



1. Missão que atravessa fronteiras

Desde 2009 vivo a missão em diferentes partes do mundo: Itália, África do Sul e, desde 2011, na Tailândia, na fronteira com Mianmar. Fui enviada com três irmãs asiáticas para abrir uma nova frente missionária. Em 2013, fundamos oficialmente a comunidade em Chiang Saen, no coração do chamado Triângulo Dourado, onde criamos um Centro de Acolhida para meninas tribais, filhas de imigrantes birmaneses que atravessam a fronteira em busca de segurança e dignidade.

Hoje somos seis religiosas, cinco delas provenientes de Mianmar e pertencentes a diferentes etnias. Atuamos em comunidades rurais, dedicando-nos à catequese e à evangelização de católicos e catecúmenos. Aqui, onde a presença católica é quase insignificante, nosso trabalho é como uma pequena gota quase invisível, mas profundamente cheia de sentido.

Confesso que nunca me senti missionária. Costumo dizer: “não sou missionária, fiquei missionária”. Muitas vezes pensei em desistir diante das dificuldades da língua e dos desafios culturais, mas sempre me lembrava: “as irmãs precisam de mim”. E assim fui permanecendo... já se passaram quinze anos. Neste tempo, perdi meus pais e um irmão, sem poder estar presente em seus funerais. Foi um momento doloroso, mas também uma oportunidade de confiar ainda mais em Deus, que me concedeu coragem e força para continuar.

2. Entre diferentes culturas e religiões

Aqui convivemos com o budismo, religião majoritária, e aprendemos diariamente a viver a interculturalidade com diversas etnias, inclusive dentro da nossa própria comunidade religiosa. Nos vilarejos montanhosos e entre as comunidades birmanesas refugiadas, muitas crianças não são registradas ao nascer, tornando-se praticamente invisíveis aos olhos do Estado. Sem documentos, enfrentam enormes dificuldades para acessar educação, trabalho e mobilidade. Entre os principais desafios que encontramos estão:

Educação limitada: sem documentos, muitos não conseguem matricular-se em escolas públicas ou universidades.

Bloqueio laboral: o mercado formal lhes é praticamente inacessível, restando apenas trabalhos informais e precários.

Mobilidade restrita: sem cidadania, sem documentos ou passaporte, não podem viajar além da província de nascimento, nem acessar diversos serviços básicos.

Alto índice de abandono escolar: apenas uma em cada dez crianças tribais consegue concluir a escola.

Exploração e vulnerabilidade: sem proteção legal, tornam-se alvos fáceis de tráfico humano e trabalhos forçados.

Falta de perspectivas: muitos jovens acabam desistindo de sonhar com uma formação superior.

Diante dessa realidade, o Centro Providência busca oferecer caminhos de esperança e educação que transformam vidas.

Entre as iniciativas que realizamos estão programas educativos especiais para jovens sem documentação, campanhas de registro civil em parceria com organizações locais e internacionais e projetos de empoderamento com bolsas de estudo, cursos e acompanhamento formativo.

Quando esses jovens conseguem chegar à universidade e concluir seus estudos, uma nova porta se abre: a possibilidade de obter documentos oficiais e acesso ao trabalho legal.

Ao longo de doze anos de missão, cerca de quinze jovens já conseguiram concluir a universidade. Algumas delas hoje trabalham inclusive no exterior.

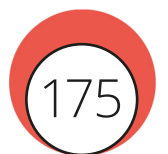
Cada uma dessas histórias representa uma vida transformada e um futuro que se abre.

3. A missão como dom de si

Creio que aquilo que os missionários realizamos no mundo não é apenas o anúncio do Evangelho, mas um verdadeiro dom de si. Trata-se de oferecer a própria vida e as próprias energias como uma vela que se consome para iluminar. Cada gesto, cada palavra e cada presença tornam-se luz para quem necessita de amor e esperança.

Recordo o testemunho de um tailandês que descreveu os missionários como expressão viva de Deus: um Deus que cura, que promove, que se faz próximo e que leva esperança onde tudo parece apagado. Desde 2009, quando deixei minha terra, minha família e meus amigos, abracei a vida missionária com o coração aberto. A Palavra dirigida a Abraão: "Sai da tua terra e vai", encontrou profundo eco em minha vida.

Hoje, olhando para trás, vejo vilarejos onde antes não havia igreja e onde agora existem



comunidades vivas; crianças e jovens que acompanhamos com carinho; fiéis que enchem as capelas com alegria e esperança.

4. Gratidão e esperança

A vida missionária é um grande dom. Aprendi que cada passo é sustentado pela graça de Deus e pela generosidade de tantas pessoas que compartilham o espírito missionário: aqueles que rezam por nós e que nos apoiam materialmente, permitindo-nos continuar servindo os mais vulneráveis. Sou profundamente grata por tudo o que recebo nessa caminhada. Somente quem vive essa aventura pode compreender a sua beleza.

Agradeço à revista Missão e Cultura, das Pontifícias Obras Missionárias, pela oportunidade de partilhar um pouco da minha vocação. Rezo para que muitos jovens sintam o chamado de Deus e sigam Jesus com generosidade. Se você sente em seu coração o sopro de Deus, não o ignore. Escute, reze e converse com alguém de confiança. O Senhor precisa de jovens corajosos, que não tenham medo de gastar a vida por amor.

O futuro da Igreja e da humanidade depende também da sua resposta. Não espere estar "pronto" ou "perfeito". Deus chama justamente na fragilidade, para fazer da nossa vida um milagre de graça. Não tenha medo. Diga sim. E descubra que a verdadeira felicidade está em doar-se.

